

ECONOMIA

Economia - Brasil

DESENVOLVIMENTO

Instituto, ligado ao Ministério do Planejamento, considera que expansão da economia só atingirá os 5% alardeados pelo governo a partir de 2010, quando os investimentos ultrapassarem 24% do PIB

Ipea prevê crescimento de 3,7%

EDNA SIMÃO

DA EQUIPE DO CORREIO

O país deve fechar 2007 com um crescimento econômico de apenas 3,7%, segundo boletim de conjuntura divulgado ontem pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). O número está acima dos 3,5% esperados pelo mercado e bem aquém dos 4,5% projetados pelo governo federal no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). A expansão está alicerçada na elevação em 8% dos investimentos públicos e privados, ou seja, uma taxa de 21,4% do PIB no final deste ano. No cenário considerado pelo Ipea — órgão ligado ao Ministério

do Planejamento — a economia só atingiria o tão alardeado crescimento de 5% a partir de 2010, quando os investimentos ultrapassarem a marca de 24% do PIB.

O economista do instituto, Fábio Giambiagi, explicou que a previsão de expansão econômica teve uma ligeira alta, passando de 3,6% para 3,7%, neste ano devido a ajustes feitos nas projeções a partir dos dados oficiais divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) de que o PIB cresceu 2,9% no ano passado. “A mudança na projeção é irrelevante. O importante é mostrar que em relação a 2006 o país registrará um crescimento”, afirmou. A expansão da economia está atrelada à alta

gradual dos investimentos públicos e privados no país.

Conforme cálculos do Ipea, a taxa de investimento deve fechar 2006 em 20,5% — os números oficiais ainda não foram divulgados. Para o final de 2007, o valor deve registrar um acréscimo de 8% atingindo 21,4% do PIB. Para o final de 2010, a projeção é de uma taxa de 23,8%. Para o instituto, o país tem pela frente a chance de construir condições para o crescimento da economia na próxima década, a um ritmo entre 4,5% e 5%. Portanto, seria recomendável aprovar um novo conjunto de reformas para diminuir o peso das despesas correntes na composição do PIB e entender que, enquanto a taxa de investi-

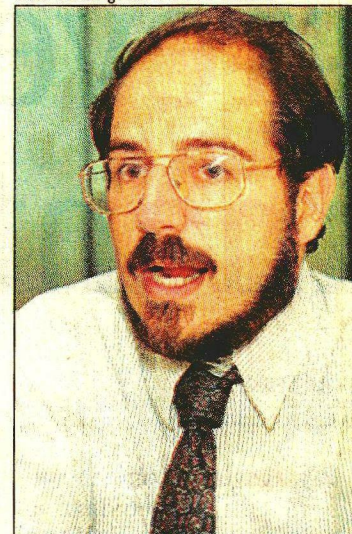
mento não se aproximar de 24% a 25% do PIB, será difícil desejar um crescimento como o de outros países emergentes.

A economista do ABN Amro Bank, Zeina Latif, espera um crescimento dos investimentos públicos e privados similar ao do Ipea (7,9%). A tendência é favorável à elevação dessas aplicações, principalmente em setores como de máquinas e equipamentos e da construção civil, devido à perspectiva de crescimento, trajetória de queda dos juros e risco país em baixa. “O PAC não deve ter efeito relevante para o aumento dos investimentos. É muito difícil mensurar isso para 2007”, destaca. Já o economista da consultoria Tendências, Leonardo Miceli, estima

um crescimento de 3,4% para este ano e de 3,7% para 2008. Na avaliação de Miceli, uma expansão de 5% na economia depende da elevação dos investimentos, que só acontecerá de forma mais consistente quando houver um recuo da carga tributária e das despesas do setor público.

A perspectiva do Ipea com relação à inflação para o final de 2007 caiu de 4,3%, em dezembro, para 3,8%, neste mês. Com isso, a taxa básica de juros acumulada de janeiro a dezembro saiu de 12,4% para 12,3%. Por outro lado, a taxa real — descontada a inflação — saltou de 7,8% para 8,2% no período. A projeção quanto a taxa média de câmbio caiu de R\$ 2,25 para R\$ 2,17.

Guto Costa/Agência O Globo - 20/2/98



GIAMBIAGI, DO IPEA: O IMPORTANTE É O PAÍS CRESCER EM RELAÇÃO A 2006